

(SER)TÃO NORDESTINO NA SALA DE AULA: UM NOVO DESENHO SITUADO DE ENSINO

Adriana dos Santos Pereira¹
José Roberto Alves Barbosa²

RESUMO: O presente artigo é um recorte de um projeto de letramento crítico, mediado por charges, desenvolvido com alunos do 9º ano de uma escola pública estadual, localizada em Fortaleza/CE. Nesta pesquisa, objetivamos analisar novos desenhos do Nordeste e de seus habitantes, em períodos de estiagens, representados em produções textuais dos discentes. Para o embasamento teórico utilizamos, Suassuna (2002, 2010), Gaspar (2006), Albuquerque Júnior, (2012), Silva (2013), Janks (2010), Freire (2016), entre outros. Baseada em uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa e interpretativa, nossa análise constatou que os aspectos multimodais presentes nas composições textuais colaboram para a desconstrução caricata e preconceituosa do nordestino, colocando-os em posição de empoderamento e vivência harmoniosa com a seca no sertão.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento crítico. Redesenho. Nordeste. Seca.

ABSTRACT: This paper is part of a critical literacy project, with the use of cartoons, produced by 9th grade students at a public school in Fortaleza (CE). This research objectively aims at analyzing new designs about the northeast of Brazil and its inhabitants, during the drought period, represented in students' textual productions. The investigation is based on Suassuna (2002, 2010), Gaspar (2006), Albuquerque Junior (2012), Silva (2013), Janks (2010), Freire (2016), among others. It is an action research, with a qualitative and interpretivist approach, in which was possible to realize that some

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE). Professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação (SEDUC/CE). E-mail: adrika.pereira13@gmail.com

2 Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA/Caraúbas), no Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH). E-mail: jrabarbosa1971@gmail.com

multimodal aspects can be identified in their compositions, contributing to deconstruct a caricatural and prejudicial view on northeast people, providing them an empowered position and harmonic existence with that region during drought period.

KEYWORDS: Critical literacy. Redesign. Northeast people. Drought.

A água é uma bênção, já a sua falta é dificuldade,
mas também é uma forma que a natureza usa para equilibrar o mundo
(Aluno/participante do projeto, 2015).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nacionalmente, o preconceito contra a origem geográfica de lugar marca, em particular, os nordestinos a quem, consoante Albuquerque Júnior (2012, p. 90), estão vinculados “tipos sociais com certo desprezo, com comiseração ou com medo, como: o retirante, o flagelado, o migrante, o pau-de-arara, o arigó”. Para compreender muitos discursos e imagens negativas associados à população nordestina, é preciso conhecer a história da construção do Nordeste que, como “recorte regional”, com identidade específica e “cultura singular” só surgiu na década de 1910, popularizou-se ao longo dos anos 1930 e foi produzida “pelas elites políticas e pelos letrados deste próprio espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 91).

Durante uma pesquisa em sites de busca na internet, constatamos que muitas charges jornalísticas – textos primordialmente visuais que, de modo humorístico, apresentam e satirizam personagens e/ou fatos sociopolíticos contemporâneos –, vão ao encontro dessa representação caricata acerca do sertão nordestino. Portanto, neste artigo, pretendemos analisar as imagens do Nordeste e de seus habitantes redesenhadas por estudantes do 9º ano de uma escola pública estadual, de Fortaleza/CE, após diversas atividades de leitura e interpretação de charges sobre a seca, pelas quais se constituíram as práticas realizadas em um projeto de letramento crítico³.

Com abordagem qualitativa e interpretativa, a pesquisa se mostra relevante à medida que possibilita leituras e questionamentos distintos acerca de questões urgentes, como a (i)lógica presente em discursos preconceituosos que qualificam o Nordeste como um ambiente

³ O letramento crítico está associado às práticas sociais de leitura e (re)escrita e ao empoderamento do sujeito que, consciente do poder interventivo da linguagem, utiliza-a de modo a compreender como, por que e para quem funcionam/interessam certos discursos. Registramos também que consideramos o projeto desenvolvido em 2015, de modo mais informal (mas, nem por isso, menos responsável), uma prévia da pesquisa de Mestrado da professora-pesquisadora.

naturalmente de seca, subordinação, atraso e pobreza. Debates como esses fomentam mudanças discursivas e, dialeticamente, mudanças sociais, por meio da capacidade de agenciamento dos indivíduos que almejam a redução das injustiças na contemporaneidade.

Para tanto, revisitamos autores que abordam a seca no Nordeste, assim como a identidade do nordestino (GUILLEN, 2001; SUASSUNA, 2002, 2010; GASPAR, 2006; CARVALHO, 2010; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012; SILVA, 2013) para, posteriormente, apresentarmos nossa análise comparativa entre o novo *design* do nordestino e as charges, com base na ideia ação/reflexão de Freire (2016) e no redesenho de Janks (2010), seguida das considerações finais e das referências que subsidiaram este trabalho.

A INDÚSTRIA DA SECA NO NORDESTE

A seca caracteriza-se pela má distribuição de chuvas no tempo e no espaço e pela alta taxa de evapotranspiração. Tal fenômeno atinge frequentemente cerca de 18% do território brasileiro, área conhecida como Polígono das Secas e formada por oito estados da região Nordeste (Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Paraíba, Bahia, Piauí, Sergipe, Alagoas) e por Minas Gerais (SUASSUNA, 2002; BRASIL, 2009).

Imensa e, por vezes invisível, o que se conhece hoje como região Nordeste sofre com a estiagem desde o século XVI quando, entre 1583 e 1585, conforme Suassuna (2010), surgiram as primeiras notícias sobre a seca. Desde então, esse problema se repete sistematicamente e, em meio à calamidade instaurada, constrói-se um grande negócio popularmente conhecido como indústria da seca. Quanto a essa questão, Gaspar (2006) aponta que os grandes latifundiários nordestinos, valendo-se de seus aliados políticos, interferem nas decisões tomadas e se beneficiam dos investimentos realizados e dos créditos bancários concedidos. Muitas vezes, aplicam os financiamentos obtidos em outros setores que não o agrícola e se aproveitam da divulgação dramática das secas para não pagarem as dívidas contraídas.

Dessa forma, “a seca, divulgada nacionalmente como um grave problema, torna-se um argumento político quase irrefutável para conseguir recursos, obras e outras benesses que seriam monopolizadas pelas elites dominantes locais” (SILVA, 2003, p. 362). Lembramos que, de modo geral, a intervenção do governo se limita a dois tipos de ação: i) estruturais, como a construção de açudes, adutoras, barragens, poços e cisternas; ii) assistenciais, como a disponibilização de bolsa

estiagem, carros-pipa e cestas básicas durante o período das secas. Ainda que esse conjunto de práticas seja relevante à subsistência regional, o autor salienta:

Não se trata apenas de programas emergenciais e de ações de *combate à pobreza*. A sustentabilidade com base na convivência implica e requer políticas públicas permanentes e apropriadas que tenham como referência a expansão das capacidades humanas locais, sendo necessário romper com as estruturas de concentração da terra, da água, do poder e do acesso aos serviços sociais básicos (SILVA, 2003, p. 379, grifos do autor).

Além disso, quando se pensa no sertão nordestino, é quase inevitável a relação entre estiagem e migração – esta como consequência daquela e considerada, por uma grande parcela da população, a única solução para os problemas vivenciados pelos nordestinos. Para Guillen (2001), migrar tem sempre um sentido ambíguo porque, simultaneamente, é imposição e escolha. Desse modo:

Migrar é, em última instância, dizer não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente. [...] Migrar pode ser entendido como estratégia não só para minimizar as penúrias do cotidiano, mas também para buscar um lugar social onde se possa driblar a exclusão pretendida pelas elites brasileiras através de seus projetos modernizantes (GUILLEN, 2001, p. 2).

Percebemos, então, que o assistencialismo, a pobreza e a migração são considerados problemas advindos da seca, a qual há décadas tem se transformado em uma indústria permeada por finalidades obscuras. No entanto, é importante lembrar que a escassez de água no Nordeste não pode ser apontada como a grande responsável pelo subdesenvolvimento da região e, a partir de deduções simplistas, compor o imaginário amplamente difundido na mídia, pois crises climáticas periódicas, como enchentes, geadas e secas, ocorrem em qualquer lugar do mundo. Em vista disso, só se transformam em flagelo social quando precárias condições políticas e econômicas assim o permitem (GASPAR, 2006). Portanto, a perspectiva de convivência com a seca é possível, desde que políticas oficiais e permanentes sejam inseridas, fiscalizadas e cumpridas no Nordeste brasileiro, sem desrespeito às particularidades da região e de seus habitantes.

A seguir, apresentamos sucintamente o modo como algumas charges representam o nordestino no contexto da seca.

A IMAGEM DO NORDESTINO EM CHARGES SOBRE A SECA

“Maior parte dos migrantes do Brasil sai do Nordeste, segundo o IBGE”, “Seca atinge mais de mil municípios do Nordeste e causa situação de emergência”, “Algumas regiões do Nordeste entram no quarto

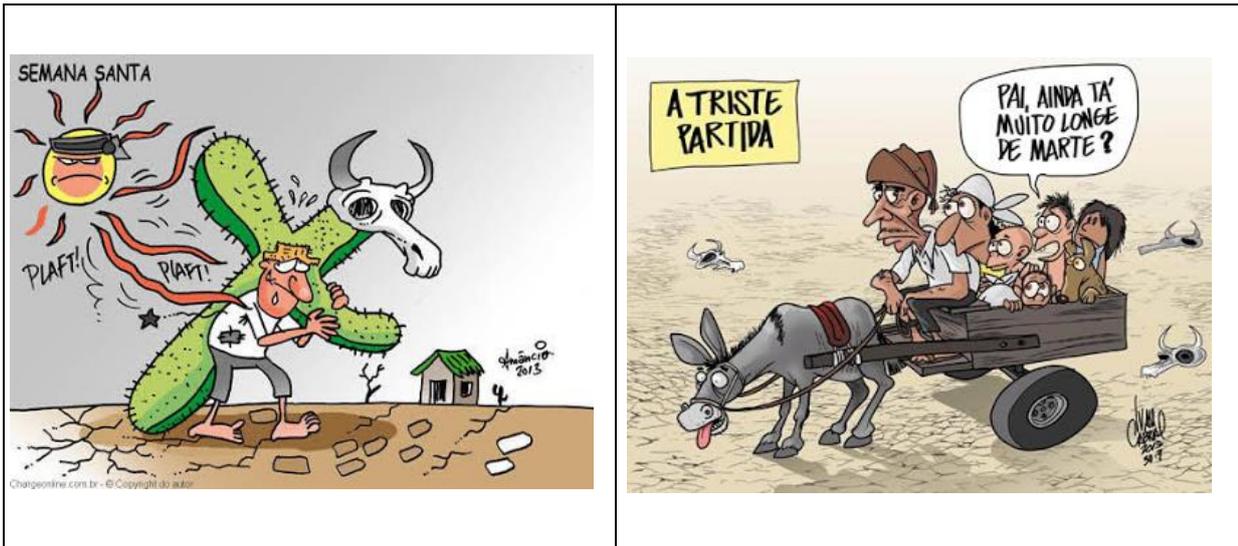
ano seguido de seca”, “Seca no Nordeste: o problema vai além da falta de chuva! Desvio de verbas públicas, corrupção na Administração”, “Governo libera R\$ 790 milhões para ações de combate à seca no Nordeste”⁴. Esses são exemplos de títulos de notícias publicadas em diversos veículos de comunicação, em períodos de estiagens, que, associadas às imagens de chão rachado, planta seca, gado morto e pessoas passando fome, corroboram as representações simplórias e caricatas do nordestino.

De igual modo, as charges e suas estruturas semióticas podem favorecer o desempoderamento dos nordestinos quando os identificam como pessoas sofredoras, ignorantes e incapazes de sobreviver sem os benefícios governamentais, como mostram os exemplos abaixo. Por conseguinte, muitos leitores desses textos acabam assumindo passivamente um discurso hegemônico (re)construído pela mídia e sustentado pela ideologia. Vejamos o Quadro 1 e as possíveis leituras acerca da imagem do nordestino nas charges.

Quadro 1 – Charges

Ignorante	Dependente do governo
	
Sofredor	Migrante

⁴ As notícias estão disponíveis em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/08/maior-parte-dos-migrantes-do-brasil-sai-do-nordeste-segundo-o-ibge.html>, <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2014/09/seca-atinge-mais-de-mil-municipios-do-nordeste-e-cao-situacao-de-eme.html>, <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/02/algumas-regioes-do-nordeste-estao-entrando-no-quarto-ano-seguido-de-seca.html>, <http://lanyy.jusbrasil.com.br/artigos/191569307/seca-no-nordeste-o-problema-vai-alem-da-falta-de-chuva-desvio-de-verbas-publicas-corrupcao-na-administracao>, <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-07/governo-libera-r-790-milhoes-para-aco-es-de-combate-seca-no-nordeste>. Acesso em: 28 mai. 2020.



Fonte: organizado pela autora⁵.

Essas construções imagéticas são frutos de apreciações superficiais sobre a realidade do semiárido brasileiro, de seus habitantes e dos interesses políticos das elites locais que procuram explicar o subdesenvolvimento da região como resultado de condições naturais adversas e da formação de sua gente (SILVA, 2003). Conforme Carvalho (2010), aceitar os clichês sem discussão, como se fossem verdades inquestionáveis, faz parte da lógica das ideologias e, por esse motivo, a institucionalização do discurso das secas é desenvolvida para perpetuar a relação de dependência e flagelo do nordestino.

Tal estereótipo criado pela mídia, e materializado em distintos gêneros discursivos, assemelha-se à estratégia das "tradições inventadas" que, de acordo com Hobsbawm & Ranger, citado por Hall (2015, p. 32), são práticas "de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado". Desse modo, nada parece ser mais obsoleto que, em pleno século XXI, associar, sem questionamentos, o estigma de vítimas e de pobres coitados aos nordestinos em períodos de seca. Em razão disso, Hall (2015, p. 12) informa que "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" e, portanto, o nordestino pode assumir "identidades diferentes em diferentes momentos", não se limitando, por exemplo, à representação multissemiótica apresentada nas charges acima.

⁵ Charges disponíveis em: <http://www.ivancabral.com/2014/11/charge-do-dia-nuvem-seca.html>, <http://carlosbritto.ne10.uol.com.br/enquanto-isso-518/charge-seca/>, <http://paduacampos.com.br/2012/?s=charge+nordeste>, <http://www.ivancabral.com/2015/09/charge-do-dia-triste-partida.html>. Acesso em: 02 mai. 2020.

Na próxima seção, trazemos novos textos que foram elaborados com o objetivo de recriar a imagem do sertão nordestino e de seus moradores.

NOVO DESENHO DO NORDESTINO NO CONTEXTO DA SECA

Notas metodológicas

O projeto de letramento crítico do qual se originou este artigo caracteriza-se como pesquisa-ação, um método de intervenção empírico e qualitativo que visa preencher possíveis lacunas entre a teoria e a prática pedagógica. Nesse sentido, tal estratégia metodológica é entendida como um “modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada” (THIOLLENT, 2001, p. 32).

Nosso material de pesquisa compõe-se de dez redesenhos, os quais foram elaborados em grupos por alunos do 9º ano de uma escola pública estadual, localizada em Fortaleza/CE, em que a professora-pesquisadora atuava como docente de Língua Portuguesa. Entre os meses de outubro e novembro de 2015, realizamos o projeto de letramento com os 38 discentes que constituíam a turma. Foram sete encontros, de 2h/a cada, nos quais os estudantes participaram das seguintes atividades: i) leitura e análise de charges, coletadas em *blogs* e jornais eletrônicos, que abordam a temática da seca no Nordeste; ii) estudo das características do gênero discursivo charge; iii) identificação da imagem/representação do nordestino nos textos; iv) reconstrução, por meio da produção de textos multimodais, da paisagem semiótica do sertão.

Já o *corpus* deste trabalho é composto por cinco textos, selecionados para análise mediante o índice de frequência dos estudantes durante as aulas e o alcance do objetivo do projeto – produzir um novo *design* dos nordestinos no contexto da seca. Em relação ao tratamento dos dados, a abordagem é qualitativa e busca interpretar elementos verbais e não verbais presentes nos redesenhos comparando-os com as charges trabalhadas em sala.

Análise dos redesenhos

Em pesquisas comprometidas com a equidade social, Janks (2010) defende que qualquer discurso construído, independentemente das relações desiguais de poder que o permeiam, pode ser desconstruído e reconstruído por meio da consciência crítica dos envolvidos em práticas de letramento diversas. Essa constatação alia-se à autêntica libertação da qual nos fala Freire (2016, p.

93), “que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”, para redesenhá-lo. Acrescentamos as colocações de Albuquerque Júnior (2012, p. 130) que corroboram a ideia de um novo *design* do nordestino:

O que aprendemos com a história é, justamente, que tudo que está a nossa volta, tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens e, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, desinventado e desinvestido pelos próprios homens.

Nessa perspectiva, “os teóricos que trabalham com a visão de poder veem a linguagem, outras formas simbólicas, e o discurso de forma mais ampla, como um poderoso meio de manter e reproduzir relações de dominação” (JANKS, 2010, p. 23)⁶. Característica relacionada à pedagogia da Consciência Crítica da Linguagem que, apoiada nos estudos de Thompson (2011), considera a ideologia algo eminentemente negativo, ou seja, recursos implícitos em práticas sociais pelos quais se constroem sentidos simbólicos que naturalizam a subordinação. Quanto às formas simbólicas, o autor entende que se tratam de:

um amplo espectro de ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos. [...] Mas formas simbólicas podem também ser não linguísticas ou quase-linguísticas em sua natureza (por exemplo, uma imagem visual ou um constructo que combina imagens e palavras) (THOMPSON, 2011, p. 79, destaque do autor).

Portanto, de encontro às formas simbólicas que apresentam os nordestinos em uma visão caricata, a qual insiste em posicioná-los de maneira subalternizada, como vimos nas charges da seção anterior, o *corpus* deste artigo recria um espaço digno de vivência, e não puramente de sobrevivência, no sertão. A respeito disso, o Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semiárido destaca que a harmonia com a semiaridez implica o envolvimento das novas gerações e exige mudança de mentalidade destas para que a interação multissetorial, aliada à educação ambiental, minimize o grau de vulnerabilidade da região e possa “empoderar os seus atores locais, estimulando a cooperação e o capital social dos territórios” (BRASIL, 2009, p. 17).

Eis, então, os textos multimodais (redesenhos) e respectivas interpretações.

Figura 1 – Redesenho 1⁷

6 “theorists working with the view of power see language, other symbolic forms, and discourse more broadly, as a powerful means of maintaining and reproducing relations of domination”.

7 Diálogo do redesenho 1: *Tenho muito orgulho de você, meu filho, tenha uma boa aula! Obrigado, pai!*



Fonte: acervo pessoal da professora-pesquisadora.

A figura de um pai levando o filho ao colégio diverge, positivamente, da charge em que uma criança, de forma ingênua, desconhece a cor verde. Esse fato ocorre, muito provavelmente, em função da vegetação ressecada que vemos pela janela da casa. O redesenho 1 posiciona a escola – uma das instituições de prestígio onde práticas de leitura e escrita são desenvolvidas –, em lugar de destaque, considerando o poder que ela tem para retirar o cidadão da ignorância e levá-lo ao diversificado mundo do conhecimento. Este, quando bem trabalhado, favorece a emancipação dos discentes como indivíduos participativos e críticos dentro e fora do contexto escolar.

Parafraseando o educador Paulo Freire e relacionando as ideias da *Pedagogia do Oprimido* às diversas opressões vivenciadas pelos povos do Nordeste, questionamo-nos: quem, melhor que os nordestinos, encontrar-se-á preparado para entender o significado terrível de uma sociedade preconceituosa? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da estereotipia? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação, isto é, da desconstrução de uma imagem negativa atribuída a eles? “Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 2016, p. 42, 43).

Portanto, o novo desenho do sertão, feito por alunos/nordestinos, coopera com a libertação daqueles que, porventura, ainda vivem no Nordeste em meio ao preconceito direcionado aos menos letrados, com baixa escolaridade ou analfabetos. Consoante Janks (2010), textos e práticas discursivas auxiliam estudantes na reescrita de si e de situações vivenciadas localmente, ajudando-os a atuar diante de problemas com o intuito de, em pequena escala, tornar o mundo um ambiente menos injusto.

Figura 2 – Redesenho 2⁸



Fonte: acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Contrariando a ideia de dependência assistencialista (mediante Bolsa-estiagem, por exemplo), o redesenho 2 traz três participantes – dois homens e uma mulher grávida –, que são representados de modo mais próximo à realidade e estão envolvidos em uma experiência concreta, e agora cotidiana, no sertão nordestino: a existência de água perto de casa. O poço, no centro da composição textual, corresponde à principal necessidade do indivíduo em tempos de estiagens, a água que assegura a vida de seres humanos, animais e plantações, bem como desmistifica a ideia de que os nordestinos sofrem o ano inteiro com problemas hídricos.

Ademais, a alegria estampada no rosto das pessoas que se encontram na cena, o verde das plantas que começam a surgir na terra, antes hostil e rachada, e o azul do céu, outrora castigado pelo sol, asseveram a formação de um clima tranquilo visto que, conforme nos aponta Gaspar (2006), outras regiões semiáridas e áridas são aproveitadas pela agricultura, por meio da ampliação de culturas secas ou irrigáveis, como acontece nos Estados Unidos, Israel, México, Peru, Chile ou Senegal. Desse modo, podemos romper com o pensamento de que nordestinos e demais habitantes

⁸ Diálogo do redesenho 2: *Zé, cadê a água que eu te pedi macho? Tô enchendo os balde, múier!!*

de lugares caracterizados geograficamente pela (semi)aridez vivem às custas de recursos oriundos dos cofres públicos.

Figura 3 – Redesenho 3



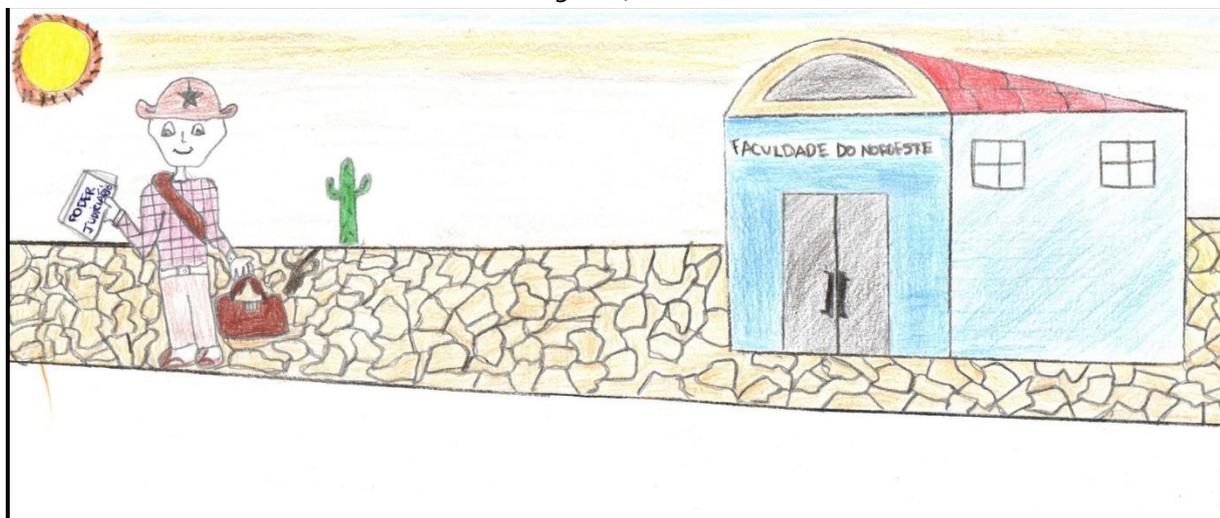
Fonte: acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Diferentemente da charge que apresenta o nordestino carregando um cacto em formato de cruz, simbolizando o sofrimento de Jesus momentos antes da crucificação, o redesenho 3 nos mostra um morador do Nordeste em meio à colorida e arborizada região, característica que desfaz a imagem de vítima quase sempre associada a ele. Vemos também a antena parabólica posicionada no lado direito, próximo à residência do participante, sobre a qual podemos fazer uma leitura de desenvolvimento e progresso.

De acordo com Albuquerque Júnior (2012, p. 94), a literatura, durante bastante tempo, foi influenciada “pelas teorias científicas, evolucionistas e social-darwinistas, que tomavam a natureza ou o meio e a raça, a constituição racial, como conceitos fundamentais para pensar o comportamento humano e as relações sociais”. Desse modo, tornou-se, em parte, responsável pela criação e propagação de imagens em torno dos homens, das mulheres e das crianças do Nordeste visivelmente prejudicadas pela seca. Entretanto, sustentados por valores de reflexão e consciência

crítica, os alunos desta pesquisa recriaram a paisagem do sertão, lugar em que, segundo a fala do próprio participante da composição visual *Seca? Aqui não*.

Figura 4 – Redesenho



Fonte: acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Figura 5 – Redesenho 5



Fonte: acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Quanto à superação de discursos (construídos ideologicamente, ao longo dos anos, pela mídia e pela literatura), que consideram a migração uma das consequências naturais da vivência no

sertão nordestino, nossas análises trazem duas reconstruções dos discentes, os redesenhos 4 e 5, os quais nos fazem refletir acerca do “movimento para fora” de que fala Hall:

Impulsionadas pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento e por colheitas fracassadas, [...] as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivência são maiores (HALL, 2015, p. 48, grifos do autor).

Nesse sentido, a representação do homem sertanejo com um livro intitulado *Poder Judiciário* nas mãos – quer seja como aluno, seja como professor, rumo à Faculdade do Nordeste –, leva-nos a seguinte leitura: ainda que o sol seja inclemente e a terra gretada, não é necessário mover-se para longe das raízes quando se pretende adquirir conhecimento científico ou compartilhar deste. Outrossim, a figura do *Seu Zézim* diante de um comércio que recebe seu nome sinaliza possibilidade de permanência no lugar de origem e reação às imposições históricas e estruturais da região. A ênfase atribuída ao mercadinho, associada à tranquila fisionomia dos personagens, ajuda o leitor a compreender a transformação dos indivíduos, os quais são capazes de acompanhar o desenvolvimento do capitalismo.

Acreditamos que os redesenhos 4 e 5 ajudam a retificar a figura, que faz parte do imaginário sociocultural, do “migrante nordestino dentro do pau de arara, lotado de retirantes, expulso pela seca, perseguindo o sonho de uma vida melhor no Sul Maravilha” (GUILLEN 2001, p. 1). Tal reconstrução é representada nos textos dos estudantes como algo possível devido à educação e ao empreendedorismo, agora presentes no sertão, que mantém o enraizamento do sujeito e as relações (in)formativas de sua identidade.

Por fim, ainda que os discentes apresentem um novo *design* do nordestino no contexto da seca, destacamos a manutenção de dois elementos recorrentes e relevantes nos redesenhos: i) o chapéu como uma marca registrada na vestimenta do homem que vive em uma região de sol inclemente quase o ano inteiro; ii) os cactos como um símbolo imprescindível à paisagem do semiárido, a qual nos faz lembrar da célebre frase de Euclides da Cunha, *o sertanejo é, antes de tudo, um forte*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos novos desenhos do Nordeste e de seus habitantes, em períodos de estiagens, os quais foram representados em produções textuais de discentes do 9º ano de uma

escola pública. A prática de letramento crítico desenvolvida, mediante leitura e interpretação de charges sobre a seca no Nordeste, auxiliou na desconstrução das imagens de atraso, subordinação, pobreza e exclusão social que, desde a criação da região, permanecem consolidadas em grande parte da mídia, da literatura e da sociedade em geral.

Importante ressaltar que, em consonância com Albuquerque Júnior (2012), não negamos a existência desses problemas, mas tensionamos discursos caricatos e reducionistas que posicionam o nordestino, o indivíduo do sertão, sempre no mesmo lugar-comum: o homogêneo espaço de subdesenvolvimento do país. Para tanto, a capacidade de reflexão e ação dos alunos foi de suma importância, pois, à medida que eles eram expostos a repetitivas e simplificadas construções ideológicas sobre o Nordeste, mais questionamentos surgiam e, conseqüentemente, mais possibilidades de criativos redesenhos.

Desocultar práticas sociais que sustentam relações de poder, e são sustentadas por elas, com vistas à construção de outras realidades (discursivas, paisagísticas, culturais, econômicas, políticas) para os nordestinos coadunam as ideias de Freire (2016) e Janks (2010) que conferem a atividades de letramento engajadas em lutas por mudanças um papel central à conscientização dos mais variados usuários da língua.

Como professores-pesquisadores e agentes de letramento, faz-se necessário que trabalhem, em sala de aula, com diversos textos, semioses e discursos a fim de, por exemplo, desmistificar termos como *retirante*, *nortista*, *flagelado*, *migrante*, *pau-de-arara*, os quais são associados ao sertanejo. Portanto, é nesta direção que nossas pesquisas e práticas educacionais pretendem seguir: compreensão, desconstrução e redesenho de estratégias discursivas opressoras que envolvem grupos minoritários.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, G. A identidade do Nordeste. **Blog do Semiárido**. 2010. Disponível em: <https://nossosemiario.blogspot.com.br/search?q=gilmar+de+carvalho>. Acesso em: 28 ago. 2019.

BRASIL. **Conviver**: Programa de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Semi-Árido. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. Brasília, 2009. Disponível em: http://mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=5106593d-2aco-477e-a539-632c1b5967e6&groupId=10157 . Acesso em: 13 jul. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 62ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GASPAR, L. Seca no Nordeste brasileiro. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2006. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=418&Itemid=1 . Acesso em: 06 jun. 2020.

GUILLEN, A. Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. **Fundação Joaquim Nabuco** - Trabalhos para discussão n. 111, ago. 2001. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/TPD/article/view/926/647> . Acesso em: 10 ago. 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JANKS, H. **Literacy and power**. Routledge: New York, London, 2010.

SILVA, R. M. A. Entre dois paradigmas: combate à seca e convivência com o semiárido. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-69922003000100017 . Acesso em: 08 mai. 2020.

SUASSUNA, J. Semi-árido: proposta de convivência com a seca. **Fundação Joaquim Nabuco**. Recife, 2002. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/index.php/artigos-joao-suassuna/9650-semi-arido-proposta-de-convivencia-com-a-seca> . Acesso em: 02 ago. 2016.

_____. Cronologia das principais secas ocorridas no Nordeste brasileiro. **Blog Explorador do Sertão**. Pernambuco, 2010. Disponível em: <http://exploradordosertao.blogspot.com/2012/11/cronologia-das-principais-secas.html> . Acesso em: 02 ago. 2016.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. do Grupo de Estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de psicologia da PUCRS. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.